

Educando e Transformando: Ação Educativa Militante em Barra do Riacho, Aracruz, ES

José Maria Coutinho

RESUMO

O estudo tem como objetivo examinar o potencial transformador da educação popular na construção da democracia participativa no povoado de Barra do Riacho, no contexto dos impactos da modernização industrial dependente pelos quais passou e passa o Município de Aracruz. Os impactos produziram distorções socio-culturais como: alterações de visões de mundo e de estilos de vida, sentimentos de impotência e perplexidade, comportamentos regressivos (alcoolismo, quebra de tabus, prostituição, drogas, violência), fanatismo religioso e perda da identidade cultural. A pesquisa participante mostra que, a partir daí, a comunidade conscientizou-se e reagiu revitalizando a Banda de Congo local, fundando uma associação comunitária e reivindicando e obtendo várias obras públicas que resgataram sua cidadania, sua identidade cultural e melhoraram em muito sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Educação Popular – Cidadania – Democracia participativa.

José Maria Coutinho

*Ph. D em Educação e
Ciências Sociais,
Universidade da
Califórnia, EUA.*

*Professor Titular da
Universidade do Rio de
Janeiro (Uni-Rio)*

1 - Introdução

A alta demanda mundial por papel nos meados da década de 1960, as exigências de grandes extensões de terra que pudessem ser reflorestadas com eucalipto para a produção de polpa de celulose (matéria prima do papel, papelão e outros subprodutos) e os efeitos poluidores desse tipo de indústria, rejeitada no Primeiro Mundo, provocaram a exportação de capitais disponíveis na Europa e Estados Unidos para países em desenvolvimento no Terceiro Mundo, entre eles o Brasil, na chamada Primeira Década do Desenvolvimento.

Interessados em transformar o Brasil numa potência econômica, sob o lema "Brasil Grande", os governos militares não hesitaram em consolidar a internacionalização do mercado interno, facilitando a difusão da modernização do Centro

para a Periferia, importando capitais (empréstimos e investimentos), tecnologia, valores modernos, recursos humanos e assistência técnica, configurados nas dezenas de grandes Projetos Industriais de Impacto, e aprofundando ainda mais a dependência tecnológica e financeira, e a dívida externa, pilares do imperialismo e da atual globalização.

Nesse processo, um desses projetos, localizado a 80 km ao norte de Vitória, capital do Espírito Santo, foi a **Aracruz Celulose**. Sua implantação afetou, para sempre, a vida dos pescadores de Barra do Riacho, povoado litorâneo do município de Aracruz. Nesse, como em outros mega-projetos, o porte gigante do empreendimento industrial instalado superou quase tudo no município, tornando-se um enclave econômico, tecnológico, industrial, financeiro, fundiário, ocupacional, intelectual, político etc., exacerbando seus efeitos sobre a vida local.

Uma microanálise de um macrofenômeno como a industrialização da década de 1970, em que se baseou o chamado "milagre econômico" brasileiro (de santo estrangeiro), permite que se capte nuances e aspectos particulares dos fenômenos sociais que ocorrem simultaneamente à penetração do capital industrial em qualquer sociedade. Este estudo enfatiza o ponto de vista dos receptores da modernização industrial, isto é, os efeitos dos mega-projetos em suas vidas, com distorções socio-culturais e rupturas em seu modo de viver, visão de mundo e padrões de comportamento, gerando empobrecimento, desespero e criminalidade, lado a lado com o

crescimento econômico, oportunidade de empregos para grupos escolarizados, alterações no equilíbrio das forças políticas e dos *status* locais.

Outros estudos sobre industrialização, como os de *Michel & Ochel (1977)* em países em desenvolvimento, o de *Jain (1975)* na Índia, e os de *McElveen (1970)* na Carolina do Sul, EUA, *Lucey & Kaldor (1969)* na Irlanda, e *Jordan (1967)* no Arkansas, EUA, preocupam-se em documentar os efeitos do estabelecimento de indústrias de pequeno, médio e grande portes, em povoados rurais, em fatores como emprego, renda e *status*, empregos diretos e indiretos, extensão das áreas afetadas, relações entre educação e emprego, padrões de consumo etc., porém não dão conta dos impactos e efeitos mais desastrosos para a vida comunitária.

Em reação à industrialização acelerada e suas tensões, desproporções, perdas e danos, e desigualdades (*Hirshman, 1958, p.66*), tão característicos dos projetos industriais do regime militar brasileiro, que incharam as cidades com bolsões de miséria em suas periferias e provocaram a urbanização sociopática, a sociedade civil capixaba reagiu com inúmeros movimentos sociais e reivindicações que iam do saneamento básico à moradia e transporte, passando pela educação, saúde e segurança, sendo tais projetos mais presentes na região Sudeste. No Espírito Santo, os movimentos sociais foram mais intensos na década de 1980, entre os quais o da pastoral popular católica, por todo o estado, o dos municípios de Vila Velha, São Mateus, Colatina e tantos outros movimen-

tos municipais e comunitários que militaram na transição da ditadura militar para a democracia, tentando conquistar os direitos da cidadania.

O caso do povoado de Barra do Riacho, contudo, é singular por sua tendência ao desaparecimento frente à magnitude do megaprojeto agroindustrial da Aracruz Celulose, o que só não aconteceu devido à capacidade dos moradores de reação às distorções socioculturais e resistência política, conseguindo, através da conscientização, organização e participação, sobreviver ao grande medo da "ameaça de dispersão do povoado" (ante a presença da multinacional da celulose) e autoafirmar-se, tornando-se a mais politizada das comunidades aracruzenses, passando a influenciar a política local e servindo de modelo para as demais comunidades da orla marítima do município de Aracruz.

2. O Problema: As Distorções Socioculturais

Ao contrário dos propalados benefícios da industrialização, o povo local recebeu uma série de efeitos negativos que o estressaram e o colocaram numa situação-limite. Os benefícios só vieram após sua organização política, enquanto associação comunitária (1980), isto é, após o pico do impacto (1975-78), com muitas reivindicações da comunidade à Prefeitura de Aracruz pela distribuição mais justa dos impostos pagos pelo megaprojeto.

Até a década de 1950, Barra do Riacho era um povoado de pescadores com

maioria de caboclos e índios que viviam em equilíbrio com seu ecossistema: a Mata Atlântica, o Rio Riacho, o tabuleiro de mariscos, as praias e o Oceano Atlântico. Tendo obtido uma concessão do governo estadual, a Cia. Ferro e Aço passou a desmatar a floresta e a fazer carvão para seus fornos na área metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo, usando lenhadores e carvoeiros do sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais em situação de semi-escravidão, ainda encontrados no Brasil atual. Todavia, com sua falência em 1960, esses trabalhadores tornaram-se posseiros das glebas de terra até sua venda para a Aracruz Florestal em 1966.

A partir de 1967, o que restara da Mata Atlântica foi desmatado pela Aracruz Florestal, subsidiária da Aracruz Celulose, perdendo o povoado uma de suas fontes de subsistência. Na época da montagem da fábrica (1975-78), o quadro de distorções socioculturais era o seguinte: a **floresta atlântica** fora destruída. Dela, o povo ainda tirava madeira para construir casas e canoas, remos, pontes, palmeira ou sapê para cobrir as casas, fibras para fazer peneiras, cestos, samburás, tipitis, coxos, lenha para seus fogões, ervas medicinais, frutas da estação, além da caça esporádica. Segundo depoimentos de antigos posseiros e de um morador de Barra do Riacho, Sr. Abdon Pereira (já falecido), que orientou a medição das terras para a Aracruz Florestal, árvores de madeira-de-lei (cedro, jacarandá, peroba, ipê etc.) e outras eram derrubadas, amontoadas por dois tratores de esteira com uma corrente esticada, cujos elos pesavam 50 kg cada, e depois incendiadas com óleo

diesel, sendo o povo barrense proibido de retirar qualquer madeira ou lenha.

De 1975 em diante, a situação piorou ainda mais para o povoado. A imensa área desmatada fora reflorestada com eucaliptos, e vários projetos viabilizados em suas cercanias para implantar o complexo da Aracruz Celulose. Para montar as fábricas de celulose, de clorato de sódio e de cloro-soda, a 2 km a oeste do centro do povoado, chegaram aproximadamente 12.000 homens de todo o Brasil e até técnicos do estrangeiro, que construíram, além das fábricas, um porto para exportação de celulose a 1 km ao sul e mais um canal e um açude que represa a água do rio Riacho e a joga para dentro da fábrica. Com isso, o rio perdeu caudal e, assoreado, já não consegue manter aberta a foz, que o mar fecha de vez em quando, tendo os pescadores que abri-la com enxadas, já que nem as autoridades municipais nem a Aracruz Celulose preocupam-se em construir uma barra fixa para impedir o fechamento e manter a entrada e saída dos barcos de pesca, base da economia local.

Barra do Riacho perdeu também o **tabuleiro de mariscos** (1 km de extensão x 500 m mar adentro), bombardeado e coberto com enormes blocos de granito e cimento para a construção do porto. Ali, os pobres se abasteciam de proteínas marinhas (búzios, polvos, ouriços e lagostas) nas luas cheias de agosto a dezembro. Perdeu, ainda, duas de suas três **praias**. A da Saudade serviu de ancoradouro dos navios antes do embarque da celulose e a da Conchinha, graças aos detritos que saem da fábrica e ao esgoto da comuni-

dade, tornou-se a mais poluída das praias do Espírito Santo. Recentemente, o CEDEMAR, a UFES e a SEAMA firmaram convênio para monitorar os impactos do descarte da Aracruz Celulose no ecossistema marinho. O mar tornou-se um celeiro ao qual só barcos motorizados têm acesso, já que os peixes foram para o alto mar. Pescadores de canoas e botes a vela viraram subempregados. Outros moradores viraram operários semi e não-qualificados na Aracruz Celulose, uma vez que empregos de alto *status* e salários beneficiaram migrantes (e raros filhos da comunidade) de nível mais alto de escolaridade, treinamento e experiência.

Entretanto, se a Aracruz Celulose cercou o povoado com eucaliptos ao norte, ao sul e oeste, o rio Riacho, a leste, perdeu seu caudal e também sua piscosidade por causa da matança periódica de peixes, siris e camarões, assim como o mangue perdeu caranguejos e goiámun e outras vidas fluviais, devido à lavagem dos tanques do criadouro de camarões-damalásia (com certos produtos químicos (?)) que, temporariamente, tornam a água azul), mantidos pela Fazenda Agril, 20 km ao norte, o segundo maior produtor do Brasil.

A presença de 12.000 homens adultos, alojados em barracões construídos a 1 km do povoado tradicional, de apenas 1.000 habitantes, em 1975, mudou para sempre o cenário da comunidade. Em sua urbanização sociopática, Barra do Riacho viu-se forçada a viver uma "revolução sexual", conhecendo estupros, seduções e ataques a casas familiares pobres da peri-

feria por bandos de 10 a 20 homens. Para evitar isso, logo teve que aceitar a instalação de casas de prostituição nos limites do povoado, com recrutamento de menores, proliferação de doenças venéreas em homens casados e adolescentes. Outra consequência foi a chegada de drogas e traficantes, a violência civil e policial, além de assassinatos e agressões variadas.

Com esse quadro de distorções socio-culturais, a perplexidade tomou conta do Município. Em Barra do Riacho, os moradores estavam estressados com as alterações da vida local, causadas pela penetração do capital industrial e da sofisticada tecnologia, perdidos na encruzilhada do velho e do novo e sendo meros objetos na política econômica da Aracruz Celulose. O desencanto com a **gestalt** cultural distorcida e o alto grau de estresse provocaram a expansão do uso do álcool e da droga, a violência intragrupal, o desprezo por normas de parentesco e sexuais, a irresponsabilidade, os estados de depressão, as desordens psicossomáticas e as neuroses, que ameaçavam tornar-se novo padrão cultural. Sem saída, o povo local viu-se preso da realidade interpretada pelos salvacionistas e proselitistas de dez seitas evangélicas que, vendo nas mudanças a luta entre o bem e o mal, promoviam conversões e exorcismos, evidenciando a saúde mental dos moradores naqueles dias.

A visita, em 1978, de um professor nativo de Barra do Riacho, que cursava o Doutorado na Universidade da Califórnia de Los Angeles (UCLA), e estava à procura de um problema para sua Tese, mudou a situação de perplexidade e apatia que já

se apoderava de todos. Conversando com seus conterrâneos e ouvindo-lhes as queixas e desabaços, logo o professor percebeu que tinha ali o seu problema para estudo e, assim, montou o projeto de pesquisa que apresentou a uma banca examinadora da UCLA, sendo aprovado. Em julho de 1980, durante a pesquisa de campo, iniciou a revitalização cultural da Banda de Congo local (fio de Ariadne, símbolo da identidade cultural, que levou a comunidade para fora do labirinto da socio-culturopatia), juntou a população, fundando a Associação Comunitária de Barra do Riacho (ACBR) em agosto. Naquele ano, a maioria dos trabalhadores havia ido embora, mas a população saltara de 1.000 habitantes em 1975, para 3.000 em 1980, sem nenhuma infra-estrutura urbana. Hoje possui uns 7.000 habitantes.

Assim, tendo tudo para sucumbir ao caos social que se estabeleceu no local com a implantação da fábrica Aracruz Celulose, e ainda para dispersar-se pelos povoados e cidades vizinhas, o povoado de Barra do Riacho, no centro do litoral capixaba, reagiu à sua dispersão e destruição cultural, organizou-se e superou a terrível situação em que se encontrava.

3. A Teoria: Educação Popular e Comunidade Aprendiz

O questionamento da educação tradicional pelo movimento escolanovista, desde o final do século XIX, defendia mudanças na prática educacional, não apenas nos ambientes formais das escolas como

também no contexto informal das comunidades. Rousseau, no século anterior, criticava o formalismo da educação de então e visualizava um "ambiente aprendiz" que, no século XX, Gramsci (1977) também sugeriria que "... o que (o povo) precisa é de um sistema educacional aberto para todos, um sistema no qual a pessoa pode desenvolver, amadurecer e adquirir aqueles aspectos gerais que servem para desenvolver o caráter; [...] uma escola que não hipoteque o futuro (da pessoa), [...] uma escola de liberdade, de livre iniciativa, não uma escola de precisão mecânica."

Esse questionamento também foi feito no Brasil desde o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, quando a educação tradicional foi severamente criticada pelo seu caráter conservador e elitista, bem como por suas funções legitimadora, estratificadora e ainda promotora de desigualdade e dependência, além de mediadora da dominação. Essas mesmas críticas foram repetidas para as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (a 4.024/61, a 5.692/71, a 7.044/82) e por diversos cientistas da educação (Freitag, 1980; Cunha, 1975; Freire, c1970). Até o Plano Decenal da Educação para Todos (BRASIL 1993), e a nova LDB 9.394/96 refazem essas críticas e propõem que a educação deva ocorrer em todos os espaços da sociedade.

Entretanto, ignoram a educação popular feita no seio da sociedade civil, com a participação dos movimentos sociais, visualizando-a no âmbito da escola, empresas e outras instituições formais, em termos da educação de jovens e adultos ,

cujas preocupações maiores são com a alfabetização e um mínimo de leitura do mundo, sem o caráter emancipador de uma educação popular libertadora. Por fim, até os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) ignoram a educação popular. Obviamente parecem temê-la e enfatizam a elevação do nível de escolaridade da população, como no Plano de Santiago de 1966 (Debeauvais, 1972, p.45-6). Embora falem da promoção da consciência crítica, carecem de referências aos movimentos sociais e à criação de um ambiente aprendiz nas comunidades.

Esse ambiente aprendiz, também proposto por John Dewey e incorporado pelo educador chinês Mao Tsé-Tung, adepto da educação nova, foi desenvolvido na China, onde a "comuna" era caracterizada como uma "sociedade aprendiz" (Hawkins, 1974, p.159). Tanto Rousseau quanto Mao vêm na comunidade um poderoso dinamismo interno que favorece o desenvolvimento da educação. Este estudo concebe a comunidade como uma unidade educativa para a transmissão da cultura (conceitos de liderança, técnicas de organização política, história, diagnóstico da realidade social etc.), um microcosmo do sistema sociocultural no qual está inserido (Crane & Angrosino, 1974, p.181), e um agrupamento humano em movimento em busca de seu bem-estar, regido por laços afetivos, sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos ou raciais, em que homens individuais tornam-se homens sociais e cidadãos, baseados em princípios como igualdade, justiça, liberdade, identidade e solidariedade, renunciando aos interesses individuais em prol dos interes-

ses coletivos (Rousseau, *apud* Ferreira, 1993, p.143-52).

O processo natural-social de transformação do homem individual em homem social no seio da comunidade em que nasce constitui-se, por si mesmo, em tendência natural do homem ao auto-aperfeiçoamento, que o leva a buscar aprendizagens significativas. Esse potencial transformador em cada um de nós se amplia na convivência comunitária e na renúncia individual ao interesse particular em favor dos interesses coletivos, enfatizada por Rousseau. Caracteriza-se por uma disposição latente que a educação popular procura atualizar, ao mediar a apropriação do saber e o resgate da cidadania pelas classes populares ou subalternas. A educação popular surge, assim, como educação informal, uma alternativa à educação formal, geralmente tradicional e autoritária.

A educação popular é uma educação feita no seio do povo, com a participação do povo e para o povo, produzindo um certo saber no cotidiano informal das relações face-a-face da vida comunitária, "para alcançar o objetivo de construir uma sociedade nova, de acordo com seus interesses" (Nunez Hurtado, 1993, p.44), contrastando com o saber produzido pelas elites intelectuais sob a batuta das classes dominantes. A professora Laura da Veiga (1985, p.193) define-a como "o saber produzido pelas camadas subalternas em sua vida cotidiana, nas suas lutas, e expressões culturais como manifestação de resistência à cultura dominante."

O estudo preocupa-se em mostrar a existência, no contexto popular, de um modelo de educação popular ou informal, que acaba apoiando a educação escolar, diferenciando-se daquela que as classes dominantes passam através das escolas formais e não-formais, e é feita contando ou não com o auxílio de agentes formais (professores e escolas). Aqui, a **educação popular**, enquanto orientação de libertação (Wanderley, 1994, p.63), refere-se a um saber produzido pelas classes populares e para elas, objetivando instrumentalizar a luta dos atores sociais pela **cidadania**, com o que os cidadãos se inserem na história como sujeitos, resgatam a identidade cultural, reivindicam a posse e usufruto dos bens sociais, melhoria da qualidade de vida, emancipação (Adorno, 1995) ou autonomia social (Berger, 1976) e soberania popular.

Sendo um saber essencialmente crítico e compromissado com a emancipação das classes subalternas e, portanto, descompromissado com a ideologia dominante, o saber produzido pela educação popular desmistifica o saber oficial ao manter com ele uma relação dialética, denunciando a dominação das classes populares. Educadores militantes, como Paulo Freire, Rubens Alves, Carlos R. Brandão, Moacir Gadotti e tantos outros apresentam a educação popular como uma pedagogia da esperança (Freire, 1994), como instrumento capaz de viabilizar na prática a cidadania, sendo, assim, uma alternativa educacional capaz de conduzir-nos a novo tipo de sociedade.

Muitos movimentos sociais envolvendo educação popular militam nessa trincheira desde antes da inauguração e do fim do regime militar, entre o começo da década de 60 e fins da de 80 (Mejía Jimenez, 1996). Baseados em conscientização, organização e participação, alguns deles foram descritos por cientistas sociais, como o das Comunidades Eclesiais de Base no Espírito Santo (Duarte, 1984), o movimento do transporte coletivo de Vila Velha, ES (Doimo, 1984), a democracia participativa de Lages, Santa Catarina (Alves, 1981), e o de Brasília (Amann, 1980). Todos analisam a participação popular na superação do subdesenvolvimento das classes subalternas no contexto urbano de cidades com população superior a cem mil habitantes.

O movimento social de Barra do Riacho, entretanto, pode ser descrito como uma luta por desenvolvimento comunitário ou melhoria geral da qualidade de vida. Nele, os receptores da industrialização negam a ordem imposta pelo darwinismo social (Hofstadter, c1955), da modernização dependente (Coutinho, 1988) trazida pela Aracruz Celulose, que destruiu suas fontes de subsistência e a natureza circundante, lançando-os numa situação de carências antes desconhecidas. **Desenvolvimento**, aqui, não se confunde com crescimento econômico (Rostow, 1971), mas com o melhoramento econômico, político, sociocultural e humano da população, resumido na expressão **melhoria da qualidade de vida**, isto é, um conjunto de bens de saúde e bem-estar físico, emocional e mental propiciado pelo uso adequado do ecossistema, estruturas econômicas flexíveis e participativas,

posse e usufruto dos bens da cidadania e participação no poder de decisão dos grupos em que se inserem os indivíduos (Coutinho, 1995, p.23).

4. O Método: Revitalização Cultural e Pesquisa Participante

Partindo da conscientização crítica da **realidade social**, vista por Freire (1970) como o contexto econômico, político e sociocultural onde os indivíduos estão historicamente inseridos como sujeitos opressores e objetos oprimidos, os cidadãos buscam transformá-la em uma sociedade que satisfaça a todos. Nesse processo, buscou-se levar o povoado a indignar-se e a reagir, e a re-auto-afirmar-se como comunidade, criando-se um movimento de **revitalização cultural**, definido por Wallace (1956, p.265) como "esforços conscientes deliberadamente organizados por membros de uma sociedade para construir uma cultura mais satisfatória", e que visam superar o estresse adaptativo de comunidades humanas, decorrente das pressões sobre sua sobrevivência, estilo de vida, padrões de comportamento etc., causadas, por exemplo, por industrialização e urbanização aceleradas.

A pesquisa e a luta que apresentamos tem sua origem no paradigma dialético (Triviños, 1990), na encruzilhada das ciências sociais com a educação, entrando em cena a história, a sociologia, a política e a antropologia para abordar o movimento social por desenvolvimento comunitário e qualidade de vida em Barra do Riacho,

Aracruz, ES, caracterizando-se por sua interdisciplinaridade (Fazenda, 1995).

Tal movimento social foi conduzido como **educação popular**, que busca a **revitalização cultural** e a **organização popular** como forma de construir uma **democracia participativa**, com o que se pretendia simultaneamente resgatar a **identidade cultural**, conquistar a **cidadania** e melhorar a **qualidade de vida** da população local. Seu método, portanto, é dialético-interdisciplinar, e com as seguintes questões de pesquisa:

- a) Quais as características dos impactos causados pela instalação da Aracruz Celulose em Barra do Riacho, Aracruz, ES?
- b) Quais as distorções culturais e alterações de comportamento da população nativa?
- c) Até que ponto a educação popular com pesquisa participante seria um método eficaz de estímulo à conscientização e cidadania?

Na construção coletiva do conhecimento, a educação popular insere-se numa ação transformadora da realidade, dependendo tal transformação das condições históricas do momento em que se realiza. Para viabilizá-la, fizemos uso da chamada "**pesquisa participante**", "*um modo de pesquisa social da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo, dirigida aos oprimidos, marginalizados e explorados (operários, negros, índios, camponeses), na qual se busca a plena satisfação*

da comunidade na análise de sua própria realidade, elevando suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir, com o objetivo de promover a transformação social para o benefício dos participantes da pesquisa, procurando incentivar o desenvolvimento autônomo" (Grossi, 1981; Borda, 1986, p.42-62). Em suma, é um modo de pesquisar e agir comum nos países com regimes autoritários, capaz de quebrar os elos da submissão das classes subalternas às elites dominantes, em regimes onde ideologias contrárias são reprimidas.

O movimento social barrense começou no início da abertura política do Presidente Figueiredo e foi para além do movimento das Diretas-Já, continuando após a saída do pesquisador da comunidade. De início procurou-se construir um acervo de dados de que pudesse fazer uso a comunidade para o constante questionamento das condições de vida impostas. Assim, logo os sujeitos buscaram o conhecimento da história local pré-industrial e dos impactos sofridos, definiram as prioridades, formularam os projetos educativos, as estratégias e as táticas da luta. Um fato histórico que deu segurança à população e ao movimento, porque permitiu superar o medo da dispersão, foi a conscientização do direito de usucapião de mais de 80 anos dos moradores contra a suposta intenção de a Aracruz Celulose despejar o povo e passar seus tratores sobre suas casas, apossando-se da área, por ser próxima da fábrica e do porto, num raio de 1.000 metros cada.

As prioridades iniciais (julho de 1978) foram a água potável, a eliminação da

prostituição e da violência policial contra a comunidade. Depois, com a fundação da Associação Comunitária de Barra do Riacho (1980), entraram em pauta a criação de Creche e Jardim de Infância, a ampliação da Escola de Primeiro Grau e sua elevação a Segundo Grau, a melhoria das condições de saúde, esgoto e pavimentação das ruas centrais. Mais tarde: a arborização, a iluminação da periferia, e a construção de quadra poliesportiva. Para superar o preconceito de classe e de raça, o Educador trabalhou na revitalização da Banda de Congo e promoveu três encontros indígenas. Com a fundação da Colônia de Pescadores "Manoel Miranda" (CPMM), em 1985, e a legalização da União Banda de Congo "Luzes do Arco-Iris" (UBCLAI), em 1986, a comunidade passou a contar com três organizações populares em sua luta pela cidadania, identidade e qualidade de vida. Importante, também, foi a luta dos Sem-teto, que acabaram criando dois bairros: Pindorama e São Pedro, respectivamente para 102 e 410 famílias.

O sujeito maior da pesquisa foi a comunidade dinâmica e seus grupos profissionais, religiosos, étnicos, políticos, econômicos, culturais e educacionais. Contou com a ajuda esporádica dos professores locais, muitas vezes impedidos pelas contingências políticas da diretora da Escola Caboclo Bernardo, comprometida com as forças políticas subalternas aos prefeitos e à Aracruz Celulose, interpretando negativamente o movimento e rechaçando-o, por representar um saber não-legitimado pela escola e uma ameaça à sua liderança, recusando a luta e os

compromissos, o que Gutierrez Perez (1988, p.45) severamente critica, conclamando os professores a fazerem de "sua profissão uma práxis política explícita e consciente".

Diante da falsa democracia representativa existente no Município de Aracruz e no Brasil da época, a população optou pela **democracia participativa** que, de acordo com Bobbio (1987), refere-se à participação direta dos cidadãos no processo de decisões políticas ou em quaisquer processos que afetam suas vidas. No estudo, a democracia participativa tornou-se escola para o treino da democracia representativa.

A partir daí, produzem uma série de **ações educativas**, na verdade prática transformadora que consistiu em conscientizar os cidadãos locais dos seus direitos humanos, sociais e políticos dentro do novo contexto industrial. Todas as ações que foram implementadas em favor do desenvolvimento comunitário local tiveram seu ponto de partida em processos de conscientização, organização e participação política. O discurso das lideranças procurou substituir a "consciência ingênua" dos oprimidos pela "consciência crítica" dos libertos, valorizando a melhoria da qualidade de vida, a construção da cidadania, o resgate da identidade cultural e a história do povoado, discutidos amplamente nas assembleias comunitárias e no meio do povo. Visavam "levantar a cabeça" da população e desmistificar o "papel de mãe" da Aracruz Celulose, implícito no discurso dos políticos, para legitimar o mega-projeto, substituindo-o pelo de "madrasta expropriadora" dos nativos.

Tais ações promoviam a construção da **cidadania**, isto é, o uso pleno dos direitos político-sociais que caracterizam o cidadão, como a participação individual na posse, na produção e no usufruto dos bens sociais ou a satisfação das necessidades sociais e contínua melhoria da qualidade de vida, resultado de sua ação sociopolítica no fazer da história (Coutinho, 1995, p.23; Alves, 1981; Amman, 1980). Informado e consciente sobre seus direitos de homem social e político, o cidadão é capaz de tomar iniciativas que os resguardem e os tornem úteis à segurança, bem-estar e progresso em sociedade, isto é, o homem social capaz de compromissar-se com o outro além de seu compromisso com o Estado burguês (Ferreira, 1993), em busca de sua emancipação (Adorno, 1995), libertação (Gadotti, 1980; Freire, c1970), ou um desenvolvimento mais ético (Goulet, c1977).

Essa pesquisa configura um estudo de caso com três características: etnográfico, documental e bibliográfico. A parte etnográfica incluiu a história oral, entrevistas, observações participantes, aulas, discursos, gravações em vídeo cassete, conversas informais e, sobretudo, a tríade **festa, palanque e som**, que permitia ao pesquisador falar para um número superior a 1.000 pessoas, em mais de uma dezena de festas temáticas. Nessa investigação-ação o pesquisador era, ao mesmo tempo, educador, ator, animador cultural e líder comunitário, sujeito e objeto, como os demais participantes, sendo presidente da Associação de 1984-86, da Banda

de Congo de 1986-88-90, e atuando por 15 anos.

As fontes documentais contaram com documentos "de primeira mão", estatutos, atas de assembléias, publicações locais, ofícios, memorandos, fotografias, panfletos, reportagens de jornais, abaixo-assinados, e diários. Para a coleta de dados procedeu-se através da observação sistemática, do fichamento, de sínteses de documentos, descrições, narrativas, esquemas, tabelas, gráficos e outros meios utilizados pelo atores sociais.

A bibliografia utilizada contou com diversas fontes secundárias, como monografias, duas dissertações de Mestrado (Motta, 1982; D'Amico, 1982; Krohling & Krohling, 1980), e uma de Doutorado (Coutinho, 1988), além de outras fontes e publicações periódicas que subsidiam a teorização e a metodologia, além de casos semelhantes achados na literatura.

O livro-documento base foi a Tese de Doutorado do pesquisador. Nela encontra-se uma análise do impacto da penetração do capital industrial nas relações entre êxito educacional e *status* ocupacional num município rural que, após os impactos da Aracruz Celulose, tornou-se predominantemente urbano e industrial. Nela encontram-se também as recomendações praticadas pelo pesquisador, transformando-a numa pesquisa viva, conscientizando e organizando os locais, e enfrentando os políticos e a Aracruz Celulose.

Todo o material documental e etnográfico foi submetido às leituras exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. A categorização das variáveis primou pela dicotomização (Ex: tradicional/moderno; desmatamento/reflorestamento; agropecuária/ industrialização; objeto/sujeito; apatia/participação etc.) e as molduras teóricas das ciências sociais foram utilizadas na construção da perspectiva dialético-interdisciplinar.

5. Os Resultados da Ação Educativa Militante

O estudo-ação contribui de diversas maneiras ao desenvolvimento comunitário e à melhoria da qualidade de vida, através da construção coletiva do conhecimento, da democracia participativa e da cidadania. No plano teórico, ofereceu crítica ao modelo de desenvolvimento capitalista dependente que dominou a década de 1970 e apresentou a educação popular, como educação para a cidadania, como um poderoso instrumento de soerguimento de populações massacradas por impactos industriais, e populações subalternas, de modo geral, abrindo novos temas para estudo por pesquisadores.

No plano prático, forneceu subsídios para o planejamento do desenvolvimento socioeconômico e educacional, contribuindo com conhecimento que pode ser utilizado pelos agentes de mudança (educadores, planejadores, administradores, filósofos da educação) e pela comunidade. A grande contribuição desta pesquisa participante foi o fato de colocar à disposição

da comunidade pesquisadora e pesquisada um acervo de conhecimentos sobre si mesma, que pode ajudar seus cidadãos a se emanciparem e a se tornarem sujeitos de sua história, facilitar novos estudos, novas lutas e contínua ação cidadã.

O desenvolvimento comunitário efetivou-se pela organização de várias associações de moradores e obteve melhoramentos através de obras públicas nas áreas de **saneamento básico** (água tratada, esgoto e limpeza urbana), **saúde** (assistência médica, odontológica e laboratorial), **educação** (creche, pré-escolar, as quatro séries finais do Ensino Fundamental e Escola de Segundo Grau), **urbanização** (praça central, arborização, abertura de ruas, calçamento e iluminação elétrica das ruas periféricas) e **lazer** (quadra poliesportiva e novo campo de futebol para o time local). O grande problema da **habitação** foi parcialmente resolvido com o movimento dos sem-teto, que conseguiu terras para construir dois bairros (Pindorama e São Pedro), alojando 512 famílias. O **combate ao preconceito racial** configurou-se na revitalização da **Banda de Congo** dos afro-descendentes e da **cultura indígena** das aldeias tupiniquim e guarani, vizinhas à Barra do Riacho.

De grande importância foi a construção do **prédio** onde funcionam as administrações municipal (1ª andar) e comunitária (2ª Andar), obtido graças à cessão de um terreno da ACBR para a Prefeitura construir seu posto administrativo em troca da construção de um segundo andar para a associação comunitária. Se por um lado

a administração municipal permitiu a contratação de funcionários oriundos da comunidade e melhorou os serviços prestados pelo Poder Executivo, por outro facilitou a **consolidação da democracia participativa**, que funciona como verdadeira escola para a democracia representativa, com muitas de suas lideranças elegendo-se Vereadores.

Importante efeito nesse movimento comunitário foi o surgimento da idéia de emancipação da Orla do município de Aracruz. Inconformados com o abandono em que foi jogada a vila de Santa Cruz, desde a transferência da sede do município de Aracruz da vila de Santa Cruz para o povoado de Sauaçu, hoje cidade de Aracruz, os santacruzenses jamais deixaram de pensar num movimento de restauração do antigo *status* de sua histórica vila. Entretanto, tal possibilidade só tornou-se viável com a adesão do Distrito de Riacho, que aceitou entrar no movimento, principalmente o povoado de Barra do Riacho, onde se localizam a fábrica e o porto exportador da celulose. Isso deu novo alento à economia do litoral. O movimento de emancipação, iniciado em 1985, embora não tenha conseguido separar o litoral afro-indígena e mestiço do interior ítalo-brasileiro, continua de pé.

Talvez o efeito mais importante do movimento comunitário tenha sido a formação do Conselho Popular de Aracruz (CONSPAR). Os vários centros comunitários de saúde surgidos na década de 1970 (Guaraná, Jacupemba, Santa Rosa, Santa Cruz, Barra do Riacho, Vila do Riacho, Caieiras Velhas e bairro Bela Vista, na Sede-

Aracruz) como promotores da saúde preventiva e postos de atendimento da saúde curativa pouco se envolveram na militância política. Em 1980, com o surgimento da ACBR, um certo espírito combativo de militância política começou a preocupar os Prefeitos, oligarcas que há 30 anos se revezavam no poder municipal, reivindicando obras públicas em Barra do Riacho, logo seguida por Vila do Riacho, e, depois, por Barra do Sahi. Tal espírito também penetrou no Conselho Comunitário do bairro operário do Coqueiral (da Aracruz Celulose), e no Círculo Comunitário de Santa Cruz. Em pouco tempo adentrou a sede do Município e as vilas do norte do Município. A idéia do CONSPAR, levantada pelo Pesquisador-Educador desde 1986, ainda propôs um embrião do Conselho Popular em julho de 1990, incluindo associações de moradores, sindicatos e igrejas. Inicialmente, a presidência ficou com o SINTICEL (Sindicato de Papel e Celulose), mas evoluiu alcançando a maioria das comunidades organizadas do município. Seu ápice se deu em 1996, quando o CONSPAR apresentou um candidato a prefeito do Município de Aracruz, o qual ficou em terceiro lugar com mais de 8.000 votos, depois elegendo-o deputado estadual em 1998.

6. Conclusão

A situação externamente criada e implantada em Barra do Riacho, povoado do município de Aracruz, sede do Projeto Aracruz Celulose, é produto direto da expansão do capitalismo multinacional em sua periferia do Terceiro Mundo, o que modernizou economias subdesenvolvidas

nas chamadas Décadas do Desenvolvimento de 1960 e 1970.

Embora seja senso comum na economia capitalista, tanto quanto na sociologia do desenvolvimento (que a estuda), a apresentação da industrialização como panacéia para os problemas do subdesenvolvimento em áreas rurais marginalizadas, em Barra do Riacho a panacéia identifica-se mais com a falácia. Os benefícios do crescimento econômico, após quase 30 anos do início do projeto (desmatamento-reflorestamento), ainda não corrigiram as alterações, malefícios, distorções, tensões, perdas e danos, e desigualdades que acompanham a modernização industrial. A luta continua e se desdobra em novos avanços, que vêm sendo monitorados, à distância, pelo Professor-Pesquisador, entremeados com visitas.

Ao apropriar-se do saber produzido na militância educativa, graças à mediação desse e de outros professores locais, a comunidade reagiu em busca de obras públicas e melhorias diversas que vêm superando seu subdesenvolvimento. Com isso, ficou demonstrada a utilidade da educação popular como técnica social de conscientização, revitalização cultural, organização e participação populares, podendo instrumentalizar a construção da cidadania, a conquista da autonomização social e a superação das desigualdades sociais.

Muitas são as implicações desta pesquisa-participante. Ao criticar a função técnica de controle social das classes

subalternas exercida pela educação formal, facilita ao povo de Barra do Riacho a conscientização de sua carência-dependência e as possibilidades de seu desenvolvimento-libertação. Significante para a educação é a inovação pedagógica de professores optarem pela militância educativa no meio do povo, de estimularem a crítica popular, mexendo no brio da comunidade e obtendo mudança de mentalidade, ao mesmo tempo realizando seu trabalho autoritário e tranquilo da educação formal na sala de aula. Por outro lado, trabalhando numa comunidade culturalmente diversa e promovendo o resgate da identidade cultural, como condição *sine qua non* para a construção da cidadania, a educação popular ainda contribuiu com sugestões para uma educação multicultural. Uma das limitações da pesquisa foi não ter ampliado sua ótica e seu campo de atuação para incluir preocupações com as questões ambientais, o que somente se tornou importante para os moradores ao final do processo, quando alguns problemas mais prementes estavam resolvidos e já havia a presença de órgãos oficiais do Estado para monitorar os impactos do descarte da Aracruz Celulose no ecossistema marinho. Apesar disso, não foi um estudo liberal-positivista que proclame as benesses da panacéia industrial, o que os economistas já fazem amiúde. Trata-se de uma reflexão-ação dos vencidos, de como eles foram desafiados em sua sobrevivência física e cultural, e de como iniciaram e continuam a superação de suas carências e dependências que a industrialização aprofundou.

Em síntese, a pesquisa participante (aqui chamada ação educativa militante) em revitalização cultural e organização popular desencadeou vários processos que hoje moldam as comunidades da orla marítima do município e influenciam o município como um todo, repercutindo nos três poderes. As ações praticadas pela militância educativa têm tido efeito sobre a política municipal, como a eleição livre da ACBR, em março de 1998, em que três chapas concorreram, vencendo a Chapa 1 - União e Trabalho, por apenas 6 votos de frente sobre a

Chapa 2, apoiada pelo Prefeito, isto é, 476 a 470 votos, tendo a Chapa 3 obtido 432 votos, num total de 1.378 votos válidos, ou seja, metade dos votos das eleições oficiais. Graças à educação popular, Barra do Riacho é hoje considerada a mais politizada das comunidades municipais, onde se questiona a política dos coronéis, a corrupção e a impunidade, a distribuição oficial dos impostos pagos pela Aracruz Celulose e até a falta de uma política social por parte da Aracruz Celulose, que corrija problemas por ela criados.

ABSTRACT

The study has as objective to examine the changing potential of popular education in the building of the participating democracy in the village of Barra do Riacho, in the context of the impact of the dependent industrial modernization on which the city of Aracruz passed and has been passing. The impacts produced social and cultural distortions as: alterations of the worldview and life style, feelings of impotence and perplexity, regressive behaviors (alcoholism, taboos breaks, prostitution, drugs, violence), religion fanaticism and lost of the cultural identity. The participating research shows that, since then, the community got a conscience and reacted revitalizing the local Congo Band, founding a community association and claiming and obtaining many public work that rescued their citizenship, their cultural identity and improved very much their life quality.

Keywords: Popular education – Citizenship – Participating democracy.

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo examinar el potencial transformador de la educación popular en la construcción de la democracia participativa en el pueblo de Barra do Riacho, en el contexto de los impactos de la modernización industrial dependiente por los cuales ha pasado y pasa el Municipio de Aracruz. Los impactos produjeron distorsiones socio culturales como: alteraciones de visiones de mundo y de estilos de vida, sentimientos de impotencia y perplejidad, comportamientos regresivos (alcoholismo, quiebra de tabúes, prostitución, drogas, violencia), fanatismo religioso y pérdida de identidad cultural. La pesquisa participante muestra que, a partir de entonces, la comunidad se mentalizó y reaccionó revitalizando la Banda de Congo local, fundando una asociación comunitaria y reivindicando y obteniendo varias obras públicas que rescataron su ciudadanía, su identidad cultural y mejorado mucho su calidad de vida.

Palabras-clave: Educación Popular – Ciudadanía – Democracia Participativa.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W *Educação e emancipação*. Tradução por Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 190p.
- ALVES, M. M. *A força do povo: democracia participativa em Lages[SC]*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 150p.
- AMMAN, S. B. *Participação social*. 2.ed. rev. amp. São Paulo: Cortez & Moraes 1980. 133p.
- BERGER, M. *Educação e dependência*. Tradução pelo autor e por Valério Rohden. São Paulo: DIFEL; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1976. 354p. (Corpo e alma do Brasil, 45) Original apresentada como tese do autor (Doutorado) - Faculdade de Sociologia da Universidade Federal de Bielefeld, República Federativa Alemã.
- BOBBIO, N. *O Futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Tradução por Marco Aurelio Nogueira. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 171p. (Pensamento político, v.63) Tradução de: Il futuro della democrazia: una difesa delle regole del gioco.
- BORDA, O.F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.42-62 (Leituras Afins).
- BRANDÃO, C.R. (Org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 211p. (Leituras Afins).
- BRANDÃO, C.R. *Pesquisar-participar*. In: _____. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.09-16. (Leituras Afins).
- BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. *Plano Decenal de Educação para todos*. Brasília, DF, 1993. 102p.
- BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF, 1997.
- COUTINHO, J. M. *Industrial modernization, education and occupation in Aracruz, ES: a survey case of brazilian dependency*. Los Angeles: University of California - Los Angeles, 1988. Tese (Doutorado. Graduate School of Education) 2v.
- COUTINHO, J.M. *Etnocentrismo, multiculturalismo e Educação no Brasil: por uma Educação multicultural*. Rio de Janeiro, 1995. 196p. Tese (Professor titular) Centro de Ciências Humanas - Escola de Educação - UNI-RIO.
- CRANE, J. G. , ANGROSINO, M. V. *Field projects in Anthropology: a student handbook*. New Jersey: General Learning, c1974. 197p.

- CUNHA, L. A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975. 293p. (Educação em questão).
- D'AMICO, N. S. *Aracruz, ES : an ethnography of Dependent Development*. Los Angeles: University of California - Los Angeles, 1982.
- DEBEAUVAIS, M. The development of Education in Latin America since the Santiago Plan. In: LA BELLE, T. J. *Education and development: Latin America and the Caribbean*. Los Angeles: University of California, 1972. p.45-60. (Latin American Studies Series, v.18.).
- DOIMO, A. M. *Movimento social urbano, igreja e participação popular: movimento de transporte coletivo de Vila Velha, Espírito Santo*. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1984. 116p.
- DUARTE, L. M. S. *Isto não se aprende na Escola: a educação do povo nas CEBs*. 2.ed. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1984. 107p.
- FAZENDA, I. C. *A interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 2.ed. Campinas [SP]: Papirus, 1995. 143p. (Coleção Magistério: formação & trabalho pedagógico).
- FERREIRA, N. T. *Cidadania: uma questão para a Educação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 264p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um encontro com a Pedagogia do oprimido*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 245p.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, c1970. 184p.
- FREITAG, B. *Escola, Estado e Sociedade*. 4.ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. 142p.
- GADOTTI, M. *Educação e Poder: introdução à Pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980. 143p. (Educação contemporânea)
- GOULET, D. *The uncertain promise: value conflicts in technology transfer*. New York: IDOC; Washington, DC.: Northamerica; Overseas Development Council, c1977. xiv+320p.
- GRAMSCI, A. *Selections from political writings, 1910-1920*. London: Lawrence & Wishart, 1977.
- GROSSI, F. V. et al. *Investigación participativa: marco teórico, métodos e técnicas*. [Paris]: UNESCO, 1981.
- GUTIERREZ PEREZ, F. *Educação como práxis política*. Tradução por Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1988. (Novas buscas em Educação; v. 34) 125p. Tradução de: Educacion como praxis politica.

- HAWKINS, J. N. *Mao Tse-Tung and Education: his thoughts and teachings*. Hamden, Connecticut: The Show String Press, Inc., 1974.
- HIRSHMAN, A. O. *The strategy of economic development*. New Haven: Yale University Press, 1958. xiii+217p. (Yale studies in economics; 10).
- HOFSTADTER, R. *Social darwinism in american thought*. Boston: Beacon Press, c1955. viii+248p.
- JAIN, O. P. *Rural industrialization: India's experience and programme for developing countries*. New Delhi: Commercial Publications Bureau, 1975.
- JORDAN, M. F. *Rural industrialization in the Ozarks: case study of a new Shir Plant at Gassville, Arkansas*. *Agricultural Economic Report*, Washington, D. C., n.123, p. 1 - 23, 1967.
- KROHLING, A., KROHLING, B. S. M. *Investigação diagnóstica exploratória no Bairro Coqueiral da Aracruz Celulose e suas implicações institucionais comunitárias*. Aracruz, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 1980. (Pesquisa não-publicada).
- LUCEY, D. I. F., KALDOR, D. R. *The impact of industrialization on two Rural Communities in Western Ireland*. London: Geoffrey Capman, 1969.
- McELVEEN, J. V. *Rural industrialization in the Southeast Costal Plain: case study of a new brick factory in Summerville, South Carolina*. *Agricultural Economic Report*, Washington, D.C., n.174, p. 1-13, 1970.
- MEJÍA JIMENEZ, M.R. *A transformação social: educação popular e movimentos sociais no fim do século*. São Paulo: Cortez, 1996. 88p. (Questões de nossa época; v. 50).
- MICHEL, H., OCHEL, W. *Rural industrialization in developing countries*. Munchen: IFO - Institut für Wirtschaftsforschung, 1977.
- MOTTA, N. C. *As conseqüências da implantação do projeto Aracruz Celulose sobre a estrutura econômica da região de Linhares, ES*. Rio Claro, SP, 1982. 135p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- NUNEZ HURTADO, C. *Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular*. Tradução por Romualdo Dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 201p. Tradução de: *Educar para transformar, transformar para educar*.
- ROSTOW, W. W. *The stages of economic growth a non-communist manifesto*. 2nd ed. Cambridge University, 1971. xix+253p.

- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação: o positivismo e fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas, 1990. 175p.
- VEIGA, L. Educação, movimentos populares e a pesquisa participante: algumas considerações. In: MADEIRA, F. R. , MELLO, G. N. (Coord.) *Educação na América Latina: os modelos teóricos e a realidade social*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985. (Coleção Educação contemporânea).
- WALLACE, A. Revitalization movements. *American Anthropologist*, v. 58, p. 264-81, 1956.
- WANDERLEY, L. E. Formas e orientações da educação popular na América Latina. In: GADOTTI, M., TORRES, C. A. (Org.). *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, c1994. p. 50-68.